

## EDITORIAL

### VIDA: MAGIA E PORFIA

A vida é algo, sem dúvida, intrigante, latejante, espalhando-se pelas dimensões imensas e imemorais do universo – via de regra, abscôndita. Dela somos fascinante parte. Seres espirituais em essência, de divina progênie, seres concomitantemente materiais, como que temporariamente encasulados, interagindo em acanhados limites impostos por contingências físicas e evolutivas.

Palco e plateia em intermitente operação e interação, transmutando personalidades, encenando simples ou grandiosos espetáculos, por finas, densas, quiçá invisíveis cortinas, esgarçados fios de nylon sobre precipícios. Agasalhamos nos porões da mente - por mais rústicos ou magníficos os cenários e papéis - a genialidade, a imortalidade. Em nosso âmago eterno, scripts de inaudíveis diálogos, dramas, armistícios, intuições, advertências, terrores e temores, imagens nos acoplando, nos sacudindo,

nos norteando por sobre as ásperas ondas, que hercúlea é a travessia, épica a caminhada em meio ao êxodo depurador.

Adultos e jovens, de aparente, fragilizada personalidade, tendo todos no inconsciente e nos acervos do conhecimento, a maturidade, a milenar experiência da civilização e evolução humanas. Vida que nos desafia a interpretar seus símbolos, a ler lhe os registros, sortilégios, artifícios, ingentes ofícios. Mágicos e magias vistos por detrás da cortina, com olhos espantados de criança.

Altas as torres, de onde se descortinam largas paisagens, larga costa marinha, margeadas linhas. Caminhamos pelos cais, espreitando longamente a quina do horizonte, à espera do navio, pois, após a estada, há que se buscar novas escalas, solfejar incógnitas canções, infinitos mares e extensões à frente...

## AO PÉ DA FOGUEIRA

### O MICHELÂNGELO LOCAL

A Instituição beneficente atendia, por aquelas décadas, a dezenas de crianças da comunidade. Uma creche-escola com inúmeras atividades: socialização, alimentação, atenção psicopedagógica, educação formal. Trabalho social e humanitário do mais elevado nível, porém sacrificial, envolvendo vários e abnegados profissionais, voluntários em sua maioria.

Recursos contados, suados, insuficientes para a cobertura dos gastos. Incompreensíveis discriminações quanto ao relevante esforço social ali realizado. “Pedradas”, especialmente de autoridades constituídas, de pessoas preconceituosas, acomodadas e até mesmo de algumas ditas “religiosas”. Não ajudavam e ainda combatiam o trabalho, propagando aleivosias e inverdades junto à população.

A diligente diretora resolve criar um espaço – um ambiente lúdico, “fantasioso” para as crianças – tendo como temas alguns enredos e cenas de contos de fadas e do folclore. É contactado um moço da comunidade com habilidades em pintura, pessoa simples, espontânea, que vivia de biscates, que se propõe a realizar a “honrosa incumbência”, na verdade quatro ou cinco minipainéis, aproveitando-se, como tela ou fundo, os muros das divisas e paredes internas do prédio.

É-lhe explicado, com maiores detalhes, o serviço, exibidos os desenhos e modelos a serem reproduzidos. Combinados os tamanhos, material básico (tinta) fornecido pela Instituição. Quanto ao preço, o artista, cidadão conhecido de todos, informa que conhecendo o nobre trabalho desenvolvido pela Entidade, cobraria o mínimo possível, um valor simbólico. O preço de umas duas cervejas. Que não se preocupassem, portanto, momento algum com o preço.

Daí a dois dias e meio, serviço pronto. Não ficara uma obra prima, mas agradara razoavelmente. O trabalhador apresenta, então, uma nota de serviço – uma anotação numa folha avulsa de papel – que a diretora lê, estupefata. Valor absurdo, disparatado, uma fortuna para a época e mesmo para os nossos dias, e mais especificamente para os cofres da entidade.

- Não estou entendendo... Onde você tirou um valor despropositado



desses? Indaga, a custo, coração acelerado, a educadora.

- Liguei para o Sindicato dos Artistas Plásticos em São Paulo, onde morei e trabalhei durante algum tempo e eles me informaram o valor mínimo da hora de trabalho de um pintor...

- Mas você sequer é pintor profissional e decerto não é filiado a nenhum sindicato da categoria... Os valores, ademais, de São Paulo não se aplicam ao nosso meio...

Para assombro da diretora, o “pintor” esclarece:

- Na verdade, telefonei para o Sindicato apenas como referência, pois meus trabalhos merecem muito mais do que o piso ou o mínimo – eles estão ao nível de um Michelângelo, um Da Vinci... Tenho que me valorizar. Portanto, o preço que estou cobrando de vocês é uma bagatela!

**Nota:** Michelângelo Buonarrotti nasceu no dia 06 de março de 1475 em Caprese (Itália) e faleceu em Roma no dia 18 de fevereiro de 1564. Um dos mais talentosos artistas plásticos de todos os tempos. Escultor, pintor, arquiteto, intelectual. Autor de pinturas como "Julgamento final", Afrescos da Capela Sistina e da Cúpula de São Pedro (Vaticano), "Conversão de São Paulo", "Martírio de São Pedro", etc. Esculturas célebres: Davi, Leda, Moisés, Pietá.

# ADIVINHAS

- 1- Nasci na água, na água me criei, se na água me botarem na água morrerei?
- 2 - O rato roeu a roupa de Rita. Quantos erres têm isso?
- 3 - O que é que o gafanhoto traz na frente e a pulga atrás?
- 4 - O que é que vive batendo no céu?
- 5 - O que é, o que é? Que tem pé e corre sem pé?

Respostas: 1- o sal; 2- isso não tem erre; 3- a sílaba "GA"; 4- a língua; 5- O vento

## Provérbios e Adágios

- Quem a si próprio elogia, não merece crédito.
- Aquele que ri ao invés de enfurecer-se é sempre o mais forte.
- O maior erro é a pressa antes do tempo e a lentidão ante a oportunidade.
- O Homem é do tamanho do seu sonho.

## Para refletir:

A tradição é uma força, uma luz, um ensinamento. Ela é o depósito das faculdades mais profundas de um povo. Ela assegura a solidariedade intelectual entre as gerações através dos tempos. Ela distingue a civilização da barbárie.

(Charles Richet – 1850/19,35 – médico e fisiologista francês, Prêmio Nobel de medicina de 1913)

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Renata Aparecida de Paula Serpa

E-mail:

credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APOSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG

CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107

Falar com Renata Aparecida de Paula Serpa

Realização:



## SEPULTAMENTOS NA IGREJA MATRIZ

**Padre Bento Francisco Ribeiro 1764 – 1779** – Desde janeiro de 1764 até setembro de 1779, foi capelão desempenhando funções de seu alto ministério, oficiando, entretanto, muitas vezes, quando de licença em diversos anos subsequentes na capelania. Faleceu em 30 de janeiro de 1805 e foi sepultado dentro da antiga Capela do Curato de São Tiago.

**Padre José Mendes dos Santos 1824 – 1868** – Em 1824, Padre José Mendes, já era capelão da Capela Curada de São Tiago. De família tradicional desta região acompanhou a mudança da capelania filial da Paróquia Nossa Senhora da Penha de França – Lage (atual Resende Costa) para a nova Freguesia de São Tiago. Esteve à frente como capelão e primeiro pároco, num espaço de quarenta e quatro anos, isto é, até o seu falecimento em fevereiro de 1868. Foi sepultado no interior da antiga Matriz de São Tiago.

Marcus A. Santiago

## GRIÔS – MESTRES DA ORALIDADE

**Griôs:** sábios ou mestres da oralidade de uma comunidade. Contadores de histórias e conhecedores da cultura e tradições da comunidade e ancestralidade (“causos”, sabedoria popular, culinária, técnicas artesanais de raiz, etc.) Pessoas idosas ou práticas passando experiências de vida e da cultura local para os mais jovens, numa sadia interação de gerações, proporcionando vitalidade social, autoestima coletiva, fortalecimento da sabedoria comunitária.

O resgate da memória, tradições, costumes da comunidade (povoado, aldeia, cidade) e sua interação com a escola. Pessoas (griôs) da comunidade vão até a escola – para tal são convidadas e reverenciadas – para:

- Contar histórias, “causos”, fatos, alegorias, fábulas, etc. ligados à cultura e à oralidade local
- Ensinar técnicas artesanais de raiz e ofícios manuais típicos da comunidade
- Falar e ensinar sobre terapias tradicionais e o uso ancestral de plantas medicinais (plantio, espécies utilizadas, técnicas de maceração, uso oral e corporal, etc.)
- Cantar, ensinar cantigas e danças típicas (de roda, coreografias)
- Ensinar receitas culinárias próprias e tradicionais da comunidade
- Etc.

(Anotações extraídas a partir de reportagem do Programa “Globo Rural” de 04/08/2013 sobre experiências dessa natureza em comunidades de assentados rurais no interior do Estado da Bahia)

A educação assentada e embasada nas tradições sociais, econômicas, culturais e ambientais da comunidade.

Patrocínio:



Apoio Cultural:



# A QUESTÃO DO LIXO



O hábito de jogar lixo no chão (embalagens, bitucas ou guimbas de cigarros, papezinhos de bala, plásticos, etc.) ainda é visível e passível de ser flagrado a todo momento, em nossas ruas. Pés-simo exemplo e que necessita ser coibido pelas autoridades municipais, seja através de maciças campanhas de conscientização e educação cívica dos moradores e, se não surtirem efeito, seja mediante a aplicação de multas já previsíveis em lei.

Temos todos a imperiosa obrigação de destinar corretamente os resíduos produzidos em nossos ambientes e territórios onde residimos, nos movemos, trabalhamos, descansamos. Para tal, a Prefeitura disponibiliza equipamentos coletores e lixeiras e faz o recolhimento regular do lixo, ao longo dos logradouros públicos, diariamente ou mediante cronogramas de conhecimento público, ou seja, em síntese, lugar de lixo é no lixo!

Pessoas e até empresas há, que, sem constrangimento, de cara lavada, descartam lixo, entulhos, calças, diretamente nas ruas, calçadas, beiras de rodovias, lotes vagos, o que suja e enfeia a cidade, entope tubulações e bocas de lobo, provoca alagamentos nos períodos chuvosos, causando, ademais, a contaminação do solo e danos à saúde, especialmente aos segmentos etários mais vulneráveis, como crianças e idosos.

Várias cidades dispõem já de legislação específica aplicada pelo Município e mesmo Ministério Público, prescrevendo penalidades para os “sujões” e reincidentes, que emporcalham as vias públicas, incluindo punições pecuniárias e se não pagas, levará o nome do autuado aos serviços de dívida ativa pública e de restrição ao crédito (SPC, SERASA, etc.).

## Estamos informados

– e desde já, parabenzamos – que a Municipalidade, em especial através do Departamento de Meio Ambiente e Secretaria Municipal de Educação, com apoio do IEF, desenvolverá projeto e ações de conscientização social e comunitária, quanto à correta destinação do lixo, da importância do verde e da arborização, incluindo a constituição de uma guarda mirim ambiental formada por nossas simpáticas crianças (alunos das escolas municipais).



Nossa cidade, conhecida nacionalmente como a “Capital do Café com Biscoito”, recebe frequentemente turistas, visitantes, pessoas de negócios e necessita estar limpa, apresentável, cada vez mais e mais hospitaleira, portanto sem lixo atirado às ruas. Daí não só a Municipalidade, mas instituições sociais e classistas (como ASSABISCOITO, ACIST, etc.), empresas e a sociedade como um todo devem unir esforços no sentido de tornar a cidade um modelo de limpeza e urbanidade.

## NOTA

Fomos informados, igualmente, que a Prefeitura, por iniciativa de sua atual gestão, irá urbanizar brevemente as chamadas “Fontes” de nossa cidade, começando pelo local “Chafariz”, dotando-as de ajardinamento, iluminação, preservação em geral. Muitos desses logradouros foram já desfigurados, “encolhidos”, e acham-se há dezenas de anos, abandonados, entregues às moscas e traças, quando não o desaparecimento. São espaços públicos, de alto valor histórico, utilizados no passado, para coleta de água para uso doméstico, para lavagem de roupas e que, urbanizados, servem/servirão para lazer, área cultural, etc.

Há décadas, são cobradas iniciativas da Prefeitura nesse sentido, e sem resultados. Uma omissão inaceitável, até os nossos dias. Somos de parecer que administrações anteriores, com um pouco de boa vontade, poderiam ter promovido a recuperação das “Fontes” e “Minas”, ainda que, com recursos municipais e de forma prática, e tê-las incorporado ao circuito público, bem como sua utilização pela comunidade. E que poderiam perfeitamente melhorar os índices de ICMS cultural e turístico recebidos pelo Município.

(Sobre o assunto ver matéria em nosso boletim edição nº XXV, Outubro/2009)

## MILTON CAMPOS



Milton Soares Campos foi um dos mais notáveis políticos brasileiros; professor, jurista, jornalista, homem de letras, estadista memorável, atuando sempre com destaque, proficiência e probidade em todas as funções públicas e privadas exercidas. Uma estrela moral e intelectual de primeira grandeza.

Nasceu em Ponte Nova, MG em 16/08/1900 e faleceu em Belo Horizonte em 16/01/1972. Bacharelou-se em Direito em 1922, custeando seus estudos como funcionário da Estação de Ferro Oeste de Minas. Advogado Geral do Estado de Minas Gerais (1932); deputado estadual (1934), quando foi relator do anteprojeto da Constituição Mineira promulgada em 1935. Um dos fundadores da seção da OAB-MG e do Instituto dos Advogados de Minas Gerais, entidades das quais foi presidente. Professor catedrático da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Deputado Federal eleito em 1945 e reeleito em 1954. Governador do Estado de Minas Gerais (1947 a 1951), realizando excepcional administração, com atuação marcante nas áreas da educação (implantou milhares de escolas primárias), agricultura e energia elétrica. Reergueu as economias do Estado e combateu sistematicamente o empreguismo, o nepotismo, fisiologismo e clientelismo político. Eleito Senador em 1958 e reeleito em 1966. Foi ministro da Justiça no Governo Castelo Branco, demitindo-se em 1965 por discordar do autoritarismo e dos rumos ditatoriais do regime militar, recusando-se peremptoriamente a assinar

o Ato Institucional nº 2. Candidato a Vice Presidente da República em 1955 e 1960.

Homem íntegro, humanista, ilibado, de conduta estoica, dele nomeiam-se vários “causos” e que merecem ser contados, pois enfatizam a prática da hombridade, a extraordinária faceta de homem público, algo raríssimo entre nossos políticos e administradores. Sabe-se que, embora ocupando tão altos cargos, homem da mais vasta cultura, morreu pobre, deixando, ao que parece, apenas uma casa de morada para a família.

**I – “Não tenho carro”** – Senador da República, Milton Campos manifestara-se radicalmente contra um projeto apresentado no Senado que isentava de impostos os veículos adquiridos por parlamentares. Dera seu parecer contrário na Comissão de Constituição e Justiça, bem como utilizara-se dos microfones do plenário, discordando do inusitado projeto.

Um colega senador admirara-se da posição de Milton Campos, uma vez que todos os senadores (aliás, ali legislando desavergonhadamente em causa própria) seriam beneficiados.

Milton esclareceu, então, as razões de sua veemente discordância: 1º motivo: o projeto é imoral, é repugnante: 2º motivo – não tenho carro!

**II – “O trem pagador”** – Governador de Minas de 1947 a 1951, o Brasil recém saído da ditadura getulista e da II Guerra Mundial, Milton Campos herdou muitos problemas administrativos, dentre eles as finanças combalidas do Estado e consequentemente atrasos gigantescos e absurdos quanto ao pagamento de funcionários públicos.<sup>(1)</sup> Tornou-se lendária e um exemplo de bom senso a sua atitude ante uma interminável greve de ferroviários na região de Divinópolis, há meses sem receber salários, ocorrendo tumultos generalizados.

O governador convoca uma reunião de emergência. Assessores, como o Secretário de Segurança Pública, recomendam-lhe: - mandemos um trem com soldados para manter a ordem e forçar o retorno ao trabalho.

Milton dirige-se ao Secretário de Finanças, ali presente. – Determine-lhe que seja feito o imediato pagamento dos salários.

- Mas não há dinheiro em caixa, Excelência...

- Pegue emprestado nos bancos. O Estado de Minas ainda deve ter algum crédito na praça, assim espero... E que seja de imediato, para ontem...

Voltando-se para o atônito secretário de Segurança Pública: - Mandaremos, sim, mas o trem pagador...” E deu por encerrada a reunião.

Dali a três ou quatro dias, os salários foram colocados em dia!

<sup>(1)</sup> Os atrasos no pagamento dos funcionários, por parte do Estado, eram frequentes e vergonhosos no passado. As abnegadas professoras primárias foram grandes vítimas dessa afronta e ignomínia estatal. No governo Bias Fortes, sendo secretário das Finanças o Dr. Tancredo Neves, o funcionalismo chegou a ficar quase um ano sem receber, o que gerou uma histórica greve das professoras em 1959.

As mestras, muitas delas chefes de família, profissionais dedicadas, viam-se submetidas à sanha de agiotas (a quem tinham que recorrer, a fim de sobreviverem)

*ou dependerem da boa vontade dos comerciantes que ficavam aguardando, durante meses, o pagamento dos salários pelo Estado descarado e insolente. E, quando o dinheiro chegava nas agências bancárias locais, era desolador o cenário presenciado. Professoras e demais funcionários públicos recebendo na boca do caixa e agiotas, sem a menor cerimônia e pudor, à luz do dia, batendo ponto à porta dos bancos. O dinheiro passava praticamente das mãos do caixa às mãos dos agiotas...*

**III – “Críticas ao próprio governo”** – Milton Campos era igualmente um homem de fina ironia e sempre respondia às perguntas mais desafiadoras com frases bem humoradas. Em 1947, quando foi escolhido para ser candidato a governador de Minas pela UDN, a direção do partido dava como certa a sua derrota. Fora lançado candidato por honra da firma. Com habilidade e tenacidade, porém, Milton começou a alterar o quadro eleitoral, principalmente quando uma dissidência pessedista liderada pelos deputados Carlos Luz e José Maria Alckim abandonou a candidatura Bias Fortes e, assim, gradualmente, o favoritismo de Milton Campos foi sendo notado. Alguns correligionários e jornalistas, que descreditavam inicialmente de sua eleição, quiseram saber a sua opinião sobre a possibilidade de vencer o pleito. Milton respondeu: - Ah, corremos o risco de ganhar...

De fato, foi a primeira grande vitória da oposição ao Estado Novo em todo o País e revelaria ao Brasil um político do mais alto nível, de linguagem elegante, orador requintado, de postura serena e que administrava como um remador, de costas para o alvo, sem nunca perder seus objetivos e seu projeto social de governo. Toda uma carreira fundada na modéstia, seriedade e uma firme autoridade moral e política.

Doutra feita, vieram lhe fofocar que um antigo aliado, em certa cidade mineira, passara a atacar vigorosamente o seu governo. Os assessores e políticos governistas da localidade exigiam do governador uma firme reação. Milton, todavia, obtemperou com bom humor:

- Falar mal do governo é um esporte tão agradável, tão fácil que esse privilégio não deve, nem pode caber apenas aos homens da oposição. Às vezes, eu mesmo tenho vontade de criticar esse governo...”

Quando o Dep. Padre Vidigal, um então aliado, passou a atacar o governo em eloquentes discursos na Assembléia Legislativa, Pedro Aleixo, Secretário do Interior ponderou a Milton Campos quanto à necessidade de uma reação. O governador foi mordaz: - Eu mesmo tenho dificuldade em apoiar esse governo”.

Outra versão reza que Milton Campos, mesmo governador, saía às ruas, a pé, todas as tardes, como um homem comum, sem qualquer aparato de segurança, quase sempre em visita às livrarias do centro



da cidade ou aos cafés de então, dentre estes o “Café do Ponto”. Uma tarde, um estabonado e solidário amigo faz-lhe uma observação:

- Governador, o Joãozinho que o senhor sempre recebe em Palácio e que frequenta o “Café do Ponto”, anda descompondo o senhor e o seu governo. Falando coisas do arco da velha. Sabemos que esse assunto já chegou aos ouvidos de V. Ex<sup>a</sup>. Nós, seus correligionários estamos indignados com a sua complacência, governador...”

Com toda a serenidade e tolerância que lhe era peculiar, democrata modelar, Milton Campos, voz macia, serena diz: - Meu amigo, diga aos nossos companheiros que falar mal do governo é tão bom que não pode e nem deve ser privilégio dos nossos adversários”.

**IV. “Ruim de memória”** – Quando companheiro de chapa de Jânio Quadros nas eleições de 1960, Milton Campos realizou algumas viagens pelo Nordeste em companhia do candidato a presidente. Comícios monumentais, em que Jânio com a sua figura exótica e a campanha da “vassoura” (moralização) mobilizava multidões. Os discursos de Jânio, todavia, embora fosse ele igualmente um homem muito culto, eram de um único padrão, estandardizados, servindo para todos os lugares e ocasiões.

Milton Campos, contudo, mudava o seu discurso em cada ocasião e cidade, com grande riqueza de vocabulário e imagens, verdadeiras peças literárias e que causavam forte impressão em Jânio Quadros. Este se acerca, certa feita, de Milton e confidencia-lhe: - Professor, seus discursos são primorosos. Além disso, o senhor não repetiu nenhum deles. Qual é a receita secreta para essa magistral performance?

O ilustre mineiro, após breve pausa, esclarece: “Excelência, eu acho apenas que é porque eu não tenho boa memória” Não faltara jamais a Milton Campos a virtude da modéstia...

**V - “Como o Poder é macio”** - uma comissão de udenistas de Curvelo comparece ao Palácio com uma série de reivindicações para a cidade e região. Levaram, como um dos integrantes da comitiva, Raimundo Sapateiro, o único operário udenista da cidade e já conhecido de Milton Campos. Deslumbrado com o Palácio, Raimundo, enquanto esperam ser atendidos, refastela-se, até cochilou e roncou na poltrona da antessala do Governador. Ao entrarem para a audiência, Milton Campos reconhece o amigo Sapateiro.

- Então, seu Raimundo, gostando da Capital?

- Sim, governador

- Já conhecia o Palácio?

- Não, são governador

- O que é que está achando?

- Estou gostando muito. E só agora passo a entender porque os políticos brigam tanto pelo poder. É porque ele é muito macio. Quando entrei, sentei numa cadeira tão macia, tão macia que afundei nela e dormi. Há 50 anos, lá na minha maltratada oficina, sentado num tamborete duro, cortando e costurando sola, só agora vim a saber como o tal Poder é gostoso...



Governador Milton Campos visitando a Escola Norma da Fazenda do Rosário recebido por Hilda Fernal Cascão - 1948

**VI – “A montanha reverencia o mar”** – Em visita oficial a Minas Gerais, o governador do Estado do Rio de Janeiro, Gen. Edmundo Macedo Soares e Silva,<sup>(2)</sup> ao ser recepcionado no Palácio da Liberdade pelo governador Milton Campos, discordou abertamente do cerimonial mineiro, à hora da execução do hino Nacional, exigindo ficar à direita da Bandeira e um patamar acima. Coisas de militar, afetos rigidamente à disciplina, a protocolos e ainda a um quê de empáfia.

Constrangimentos e até indignação por parte da equipe palaciana. Milton Campos, homem simples, prático, de imediato, sanou o mal estar reinante, posicionando-se à esquerda e não deixando de soltar sua proverbial e requintada ironia:

- A montanha reverencia o mar...

E dirigindo-se, com finesse, ao soberbo visitante:

- E ambos, em uníssono, honremos a Pátria Brasileira!

Com um sinal de cabeça, autorizou a execução do Hino, solenemente ministrada pela Banda de nossa emérita Polícia Militar.

(2) Edmundo Macedo Soares e Silva (1901/1989) foi governador do Estado do Rio de Janeiro entre 1947 e 1951. Ministro da Viação e Obras Públicas em 1946 (Gov. Dutra) e Ministro da Indústria e Comércio do Governo Costa e Silva (1968). Era militar de carreira e engenheiro metalúrgico. Um notável estrategista em segurança nacional e defesa, sendo um dos responsáveis diretos pela instalação da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda. Professor de metalurgia do IME e de diversas escolas técnicas do Rio de Janeiro e São Paulo.

Ocupou ainda os mais altos cargos na iniciativa privada. Autor de várias e referenciadas obras sobre siderurgia, história militar e industrial. Considerado um dos mais importantes e respeitados homens públicos brasileiros do século passado.

**VII. A dignidade da cadeira** – Ao assumir o governo, Milton Campos recebeu, no dia da posse, por insistência do interessado, em audiência, o ex-governador de Minas e ex-presidente da República Arthur Bernardes,<sup>(3)</sup> chefe do PR, que, invocando os compromissos e acordos partidários, pretendia indicar nominalmente os representantes de seu partido para o secretariado.

Milton Campos reagiu.

- Excelência, os compromissos que são do meu partido, UDN e não meus, serão cumpridos. Mas o secretariado, que são cargos de estrita confiança do governante, cabe a mim, governador eleito, a escolha dos nomes.

Bernardes insistiu em penoso diálogo, porém Milton foi incisivo:

- Não aceitarei indicações e muito menos imposições!

E pôs um ponto final na longa e constrangedora conversa:

- O presidente, que já ocupou essa cadeira com tanta dignidade, não há de querer que ela se diminua agora.

(3) Arthur Bernardes (1875-1955), mineiro de Viçosa, foi presidente de Minas de 1918 a 1922 e Presidente da República de 15/11/1922 a 15/11/1926. Quando na presidência da República, enfrentou várias rebeliões, dentre elas as dos tenentes, a Coluna Prestes. Governou todo o mandato em regime de estado de sítio.

# O BUCHO

**C**hegara ela da rua com um embrulho volumoso, cheiroso, dirigindo-se serelepe, direto à cozinha, cerrando, rapidamente, a porta atrás de si. Ao atravessar corredores, verificara antes e avaliara, meticulosamente, todos os ângulos e cantos, buscando certificar-se se algum olhar intruso ou guloso a observava. Nada percebera, no entanto. Alguém, à espreita, de tocaia, porém, não só a farejara, - aliás, desde a rua - como também, com todos os sentidos acesos, pé ante pé, a seguira. Pelas frestas das grossas e já carcomidas tábuas da velha porta, João do Benjamim viu a proprietária da hospedaria desembrulhar zelosamente o pacote, dele retirando um bucho vistoso, apetitoso - daqueles de porco caipira, recheado com a própria carne - e de pronto guardado, na despensa, na lata de banha. As latas de banha, no passado, serviam de “geladeiras”, onde as precavidas donas de casa guardavam e conservavam carnes, já cozidas e temperadas. Preveniam-se, dessa forma, ante a chegada inesperada de visitas ou alguma emergência doméstica.

João era um dos muitos hóspedes de D<sup>a</sup> Guita<sup>(1)</sup>, em seu vetusto casarão entre as esquinas da Praça da Matriz e do Beco Grande (hoje Av. 31 de Março), onde ela mantinha uma estalagem-internato para moços e moças da região, geralmente filhos de abastados fazendeiros e ali alojados para fins de estudos, preparação para noivados e casamentos, convalescências, etc.<sup>(2)</sup> Não teve ele mais sossego, uma arrelia só, depois de comprovar que ali, há poucos metros de suas desafiadas narinas e afiado estômago ocultava-se um petisco, uma inigualável iguaria. Passara até a sonhar acordado, degustando, regalando-se com o bucho e só de pensar naquele manjar, salivava-se todo, os lábios molhados, narinas infladas, olhos revirando, a barriga vazia em deleite extremo.

Como chegar, contudo, ao prato encantado, decantado, se a diligente albergueira não permitia que seus hóspedes adentrassem a cozinha, e muito menos a despensa, verdadeiros templos sagrados, intocáveis, por ela guardados a sete, a mil chaves, a penca apensa sempre à cintura?! E como um bárbaro, um profano, João ficava de tocaia, sô-frego, antevendo uma oportunidade, uma brecha na muralha, uma falha ou vacilo daquela impávida sentinela, para adentrar o recinto e bem sabo-

rear presa tão apetitosa...

Eis que, uma noite, por um triz de sorte, D<sup>a</sup> Guita é chamada, às pressas, para acudir uma parenta residente no bairro do Cruzeiro que apresentara, subitamente, problemas de saúde; no afogadilho, deixa cozinha e despensa às escâncaras. João não perde tempo. Com a ajuda e cumplicidade de outros hóspedes, todos jovens, penetra, célere, o recinto proibido. Retira o bucho e que é desvelado com o máximo cuidado.



Banqueteiam-se à larga, acompanhado o repasto por uma cachaça “Mato Dentro”.

<sup>(3)</sup> Para tapear a estalajadeira, enchem o bucho com angu grosso, ali mesmo preparado e o costumam novamente, os pontos feitos por uma das internas, moça dos lados da Lavrinha. Passam-se dias e D<sup>a</sup> Guita, certa feita, um domingo de festas, resolve consumir o bucho, apregoando a todos que, naquele dia, haveria uma grande e deliciosa surpresa à hora do almoço. Embora estranhando a costura, abre o repasto. Uma massa esbranquiçada, viscosa, aflora, escorre. A proprietária, atônita, prova o conteúdo. Sabor intragável. Chama a sobrinha que com ela morava, que também experimenta e comprovam tratar-se de angu e já azedo, um gosto e um odor desagradáveis. Decepção.

Entre a indignação e a facécia, a estalajadeira comenta: - Isso só pode ser obra, mal feito e dos mais cabeludos, do diabo desse João!

**NOTAS**

1. Olga Resende de Almeida, mais conhecida como D<sup>a</sup> Guita, foi, no passado, uma das personalidades mais marcantes de nossa cidade. Filha de prósperos fazendeiros da Sesmaria, exerceu inúmeras atividades, dentre elas a de governanta da Pensão do Luis Caputo e proprietária de conhecida estalagem, onde albergava jovens, em especial mulheres, de toda a região. Usava vestidos longos por vezes uma espécie de bata (ou matinée) recheada de preguinhas e rendas valencianas. Mulher exigente, sóbria, era uma exímia e inigualável quitandeira e uma de suas especialidades era a confecção do biscoito ou bolachinha denominado “Veranistas” (ver receita no box) aliás uma das grandes e seculares tradições culinárias de nossa cidade. Sobre essa singular e importante personagem da história local, ver matéria em nosso boletim n<sup>o</sup> XXXII – Maio de 2010 (Joaquim Campos Filho, o “Quinzinho Cego” – Um gênio da música e das artes manuais)

2. Internatos eram muito comuns, até meados do século passado, acolhendo adolescentes, geralmente filhos e filhas de fazendeiros. Eram uma forma especial de educandários, adequados aos tempos de então. Em algumas dessas instituições, recebiam uma instrução geral (uma espécie de curso primário reforçado) e principalmente, no caso das moças, prendas domésticas: cozinha, corte e costura, etiqueta, bordados e artes manuais em geral, puericultura, boas maneiras, francês, piano. Jovens mulheres que saíam dali devidamente preparadas para o lar, conhecedoras dos costumes mais finos, tornando-se “bons partidos” para casamentos e cujo refinamento lhes emprestavam uma considerável superioridade familiar e social.

Em São Tiago, além de D<sup>a</sup> Guita, merecem ênfase, dentre outras, as pessoas de D<sup>a</sup> Jovita da Mata Caputo, 1<sup>a</sup> esposa do sr. Luiz Caputo, que ministrava aulas de bordado, pintura, francês, piano, etc. às jovens de então. (Ver, a esse respeito, matéria em nosso boletim n<sup>o</sup> IX Junho de 2008, texto “Cartas de amor em francês”) e de D<sup>a</sup> Maria José dos Reis (Nhanhá Gabet) mantendo esta uma escola para jovens, com a ministração de ensino básico e ainda artesanato, etiqueta, preceituação religiosa, etc. Eram, na verdade, notáveis preceptoras e educadoras, suprimindo a lacuna estatal e atendendo as necessidades educacionais e formadoras da época e que, por entanto, devem granjear o nosso respeito e o nosso preito histórico.

Existiam ainda os pensionatos que acolhiam moços e moças das mais diversas procedências, cabendo menção, entre nós, ao Pensionato “Imaculada Conceição”, sob gestão da Paróquia local, que funcionou nas décadas de 1950/1960 (hoje prédio de apartamentos e salão da paróquia).

3. A cachaça “Mato Dentro”, foi, no passado, uma das mais famosas aguardentes mineiras. Produzida na fazenda do mesmo nome, no Município de Ritópolis (então Santa Rita do Rio Abaixo), de propriedade do sr. Chico de Paula. Lamentável que tenha desaparecido, porquanto gozava de uma grande aceitação e credibilidade.



**TRADICIONAL RECEITA FAMILIAR**

**Biscoito VERANISTAS**

- Açúcar – 1 kg
- Araruta (ou polvilho) – 1 kg
- Água morna – ¼ xícara (chá)
- Farinha de trigo – 2 kg
- Manteiga – 200 gramas
- Ovos – 8 (bem batidos)
- Sal amoníaco – 1 colher (sopa)

Dissolver o sal amoníaco na água morna. Juntar os ingredientes e amassar bem. Enrolar em argolinhas (rodela). Passar na gema e no açúcar antes de assar. Levar ao forno temperado, meio quente, em tabuleiro untado. Espere esfriar um pouco antes de empacotar.

# Cavalhadas

Tradicional celebração ibérica, as cavalhadas tiveram origem nos torneios medievais, onde nobres e guerreiros exibiam sua destreza e valentia em aparatosos espetáculos públicos, rememorando as guerras da Reconquista Ibérica contra os mouros. Era um misto de exercício militar, ostentação e galanteria.

As cavalhadas, ocorrentes também no Brasil, aqui trazidas pelos conquistadores portugueses a partir do séc. XVI, ainda hoje persistem em várias partes do País, geralmente à época das Festas do Divino ou mesmo ao ensejo dos carnavais, como recriações/encenações das lutas dos cristãos contra os mouros. De acordo com alguns historiadores, foi a Rainha Isabel de Portugal, por razões religiosas, quem muito estimulou as cavalhadas em seu tempo. São enredos, segundo os estudiosos, baseados nas canções de gesta medievais e coletâneas que falam sobre Carlos Magno, os Doze Pares de França, reprisando ainda a história do Conde Rolando, sobrinho de Carlos Magno, derrotado e morto pelos árabes na famosa Batalha de Roncesvalles (778 d.C.), quando ele e seu exército tentavam impedir que os sarracenos invadissem o centro da Europa. Embora vencido e trucidado, a coragem, a bravura e a lealdade de Rolando, na defesa da fé cristã, foram cantadas – a famosa “Canção de Rolando” – por toda a Europa pelos trovadores e menestréis, como um incentivo à população cristã para resistir às investidas dos exércitos islâmicos invasores.

Os personagens principais do folguedo são os cavaleiros, vestidos de azul (cristãos) ou de vermelho (mouros), armados de lanças, espadas e outros apetrechos bélicos. A corte é representada por personagens como o rei, o general, príncipes, princesas, embaixadores, lacaios, mascarados (esses representando o povo), todos ricamente fantasiados, em indumentárias da época. Vestindo roupas coloridas, montando cavalos vistosamente ajaezados, os cavaleiros – todos em exuberantes tons, com roupas de veludo bordadas, plumas na cabeça, serpentinas – se enfrentam numa vasta arena, até mesmo numa praça ou estádio de futebol, simulando e dramatizando uma batalha medieval, em que, ao final, os mouros infiéis são derrotados e convertidos. Em algumas encenações, são lançadas bolas de barro ocas, denominadas alcanzias, recheadas de flores e cinzas no campo onde transcorre a batalha.

Ocorrem ainda uma série de competições equestres (“sortes”) com oferta de “troféus” às damas. Duas bandas de música ou baterias acompanham o espetáculo: uma “pandacaria” ou “infernai” que apupa os que erram ou falham e a outra toca em louvor dos vencedores e bem sucedidos nos jogos e acrobacias.

No Brasil, são famosas as cavalhadas de Pirenópolis e Corumbá de Goiás (GO), Poconé (MT), Garapuava (PR), S. Francisco de Paula, Vacaria, Mostardas, S. Antonio da Patrulha, Caçapava do Sul (RS) e que atraem milhares de turistas, além de pesquisadores, folcloristas, etc. Em Minas, registram-se igualmente conhecidas e bem concorridas cavalhadas, como as de Bonfim, Nova Ponte, Santana do Jacaré...

As Cavalhadas eram comuns no passado de nossa região (Passa Tempo, Morro do Ferro, Piracema) Um dos mais entusiasmados participantes, entre nós, foi o sr. Antonio Sebastião, fazendeiro no povoado do Jorge.

ILUSTRAÇÃO/INTERNET/DIVULGAÇÃO



Conta-se – eis uma das versões – que o lugar “Batalha” no vizinho Município de Oliveira recebeu tal denominação em função de um espetáculo de cavalhada. Numa das visitas pastorais do Bispo de Mariana à região<sup>(1)</sup> pelos meados do século XIX, um grupo de cavaleiros, participantes de cavalhadas, desejando prestar uma homenagem ao honorável visitante,

reuniram-se – homens e cavalos inteiramente adornados – em determinado ponto, por onde transitaria o séquito episcopal.

Sob o comando de um certo Moreno (ou Galeno), havendo no grupo alguns novatos, ensaiaram passos e enredos da cavalhada, combinando executá-los tão logo se aproximasse a comitiva. Esclarecera, por fim, o chefe:

- Vocês me acompanhem. O que eu fizer, vocês imitemem...

Ante a aproximação e chegada do sr. Bispo, caravana acompanhada por dezenas de fiéis e autoridades, a um sinal do chefe Moreno, os cavaleiros principiaram as devidas evoluções, tendo o sr. Bispo parado a comitiva a fim de apreciar a homenagem que lhe era prestada.

Tudo corria bem nas coreografias e encenações, merecendo aplausos gerais. Às tantas, porém, a barrigueira do cavalo do chefe arrebita, cavalo assusta e eis o homem ao chão. Incontinentemente, os demais cavaleiros, em especial novatos, imitaram o comandante, indo todos ao solo.

Ao que o sr. Bispo comentou, com todo chiste:

- Pelo que vejo, estamos diante de uma batalha... E assim permaneceu o nome.

(1) Provavelmente, o bispo a que se refere a oralidade regional, seja D. Antonio Ferreira Viçoso, que fez visitas pastorais em nossa região nos anos de 1851 e 1854.